

## **O diabo veste Prada, mas feias não**

*Claudia Sarmento*

*Ex-gerente processa grife italiana por ser discriminada pela aparência no Japão*

Não é necessário ser o diabo para vestir Prada, mas só gente magra, jovem e bonita pode trabalhar para a grife italiana, não importando a competência profissional do funcionário. Foi esse o recado que a ex-gerente de vendas da Prada no Japão afirma ter recebido de seus superiores, que disseram “sentir vergonha de sua feiúra”. A japonesa Rina Bovrisse está processando a grife, um dos mais importantes nomes da moda mundial. Depois de ser repreendida por não ter uma imagem adequada ao “Prada look”, a ex-gerente foi demitida no ano passado, segundo ela, por não aceitar a política de discriminação contra mulheres na filial japonesa da marca.

Num país conhecido por cultuar as etiquetas de luxo, as acusações de Rina sacudiram o império Prada, que construiu em Tóquio uma de suas lojas mais procuradas: um belo prédio em forma de caixa de cristal, no caríssimo bairro de Aoyama. A ex-funcionária, que já trabalhara para a empresa em Nova York, foi contratada em abril de 2009 para supervisionar 40 lojas e 500 empregados. Seis meses depois, afirma, foi chamada na sala do gerente-geral de recursos humanos da grife no Japão, Hiroyuki Takahashi, e advertida de que deveria “mudar o cabelo e perder peso”.

Takahashi teria dito ainda que sua aparência a impedia de ser apresentada aos altos executivos da Prada em Milão.

Quando questionei essa conduta e disse que jamais havia sido repreendida em Nova York, ele respondeu: “Isso aqui é a Prada Japão” — contou Rina, que diz também ter sido orientada a demitir funcionárias “velhas”, ou seja, acima dos 30 anos.

Ela denuncia que a política da empresa no Japão é forçar o pedido de demissão dos funcionários que não estão agradando, transferindo-os para lojas distantes de suas cidades. A ex-gerente diz ter ouvido de Takahashi que uma vendedora já havia sido dispensada “por ter dentes ruins”.

Falo em nome das mulheres japonesas que sofreram abusos e discriminação no trabalho. Estou processando meus ex-empregadores por criarem um ambiente cruel e não civilizado para mulheres.

Transferências, demissões e advertências sem motivos cabíveis são práticas comuns na Prada do Japão, onde profissionais talentosas foram chamadas de velhas, feias e gordas e pressionadas a se demitir — afirmou na tarde de ontem, cercada de seus advogados, em Tóquio.

Ela exige desculpas públicas da Prada e uma indenização por danos psicológicos decorrentes do trauma (o valor da ação civil ainda não foi estipulado).

Rina, que manteve o sobrenome francês do ex-marido, foi criada no Japão, mas se formou em Nova York e trabalhou em Paris para nomes como Chanel e Comme des Garçons outros dois pesos pesados do mercado de luxo.

A ex-gerente chegou a relatar as advertências da área de recursos humanos japonesa ao principal executivo da empresa em Milão, que teria demonstrado indignação e prometido apoiá-la. Mas acredita que o fato de ter levado o problema à presidência agravou seus conflitos com os chefes no Japão.

Fui informada que havia criado uma atmosfera negativa na companhia — diz, afirmando já ter o apoio de outras duas exfuncionárias, que estariam também dispostas a aderir à ação.

Perguntada se ainda vestiria Prada, ela respondeu: Eu amava a Prada. Era uma fantasia, como "Alice no País das Maravilhas", mas minha experiência destruiu esse sonho. Se você economizar muito para comprar um produto com o qual sonha e, quando entrar na loja, for tratado com desprezo, jamais retornará.

**Fonte: O Globo, Rio de Janeiro, 20 abr. 2010, Economia, p. 31.**

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais